

id. 463
FREDERICO DURÃES • Chefe geral da Embrapa Agroenergia

COMPETITIVIDADE COM COOPERAÇÃO

Havia 18 anos que a Embrapa não criava uma unidade nova de Pesquisa e Desenvolvimento. No mês de agosto foi lançada, em Brasília, a pedra fundamental das futuras instalações da Embrapa Agroenergia. A unidade chega com o desafio de ajudar a fomentar um setor de importância estratégica para o país. À frente da unidade está o Dr. Frederico Durães, mineiro, 53 anos, agrônomo formado e pós-graduado na UFV, com doutorado na Esalq/USP, de Piracicaba, e PhD em fisiologia de estresse pela University of Nebraska, EUA. Ele entrou para a Embrapa em 1982, como pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê (atual Embrapa-CPAA / Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Ocidental), sediado em Manaus, AM. Durães assume o desafio com a proposta de potencializar os esforços já desenvolvidos pelas outras unidades descentralizadas da Embrapa, colocando, porém, o foco na energia renovável gerada a partir de biomassa. Para que os erros do passado não se repitam e o país ocupe seu lugar de direito no cenário internacional, ele aposta na força da competitividade criada e consolidada por meio de parcerias entre os setores públicos e privados.

Caderno AgroEnergia – Com que finalidade foi criada a Embrapa Agroenergia?

Durães – A Embrapa Agroenergia, dentro do Plano Nacional de Agroenergia (PNA), nasce com a função de potencializar o que há de melhor no que já existe e no que ainda tem de ser construído dentro de quatro grandes plataformas de atuação: biodiesel, etanol, florestas energéticas e resíduos. Nossa responsabilidade é de coordenar trabalhos de pesquisa, desenvolvimento e inovação dentro dessas plataformas, tanto na área agrícola como na que se refere aos processos de transformação, a agroindústria. Temos aí, desde o pequeno até o grande produtor, desde o pequeno ao grande empreendimento, desde a agricultura de subsistência ao agribusiness. Tudo depende de pesquisa para que novos conhecimentos sejam incorporados a nossos sistemas de produção agrícola e industrial. Para que isso possa funcionar, a Embrapa conta com uma rede de 41 unidades de pesquisas em todo o território nacional e com parcerias entre os setores públicos e privados (PPP). Qualquer relação a partir de agora tem que colocar esses ingredientes.

CAE – Esse esforço vai ajudar a organizar as informações técnicas para o setor, uma vez que existe muito conhecimento sendo gerado e permanecendo de forma isolada?

Durães – Sim. Com essa iniciativa queremos preservar nossos parceiros já existentes e atrair novos, para ampliar o esforço de sistematização da informação com vistas a disponibilizá-la ao mercado. A informação genérica, passível de uso na melhoria de processos ou nas ampliações de sistemas, precisa ser sistematizada e disseminada com propósitos específicos. A mídia tem ajudado a passar muita informação, mas é necessário que as pessoas tenham um certo nível de conhecimento para separar o joio do trigo, para buscar informação qualificada. As informações precisam ser de qualidade, ainda mais num momento como este, que sofre a influência de um modismo.

CAE – A agroenergia no Brasil é uma oportunidade ou modismo?

Durães – Acreditamos seriamente no grande potencial das energias renováveis, sobretudo nas provenientes da energia de biomassa (as quatro plataformas), mas precisamos de informações úteis e qualificadas para ampliar a complexidade dos sistemas produtivos em várias regiões, obtendo vantagens comparativas e adaptabilidade geral das espécies. É essa inclusão regional que ajuda a mitigar as desigualdades que existem num país continental como o Brasil. Não adianta dizer que o Brasil tem vantagens naturais excelentes para a agroenergia; é necessário colocar o ingrediente da inovação para sermos competitivos, para manter nossa liderança em certas áreas que são estratégicas para o Brasil. Não podemos repetir erros históricos, de ciclos econômicos do passado, quando acreditamos demais nas vantagens comparativas naturais e nos esquecemos de avançar em inovações e na abertura de novos mercados.

CAE – Como funcionará a nova unidade da Embrapa?

Durães – A Embrapa Agroenergia é considerada uma unidade de porte médio, que contará com cerca de 115 funcionários quando estiver em pleno funcionamento. Mas ela não parte do zero, pois vai aproveitar a estrutura e o legado de um esforço corrente de 34 anos da Embrapa em pesquisa, desenvolvimento e inovação, que vão ser potencializados no campo da agroenergia. Dentro da área agrícola e de sistemas de produção, a Embrapa já conta com vários especialistas em ação. Hoje, temos doze unidades e mais de 50 pesquisadores envolvidos com os objetivos do programa de biodiesel: melhoramento de plantas energéticas e sistemas produtivos para aumentar

“A inclusão regional ajuda a mitigar as desigualdades que existem num país continental como o Brasil”



a eficiência e dar sustentabilidade a esses programas de disponibilidade de matéria-prima, que é um dos gargalos no curto prazo. Nossos esforços estão concentrados em tornar o processo mais eficiente, aumentando no curto prazo o potencial produtivo das espécies convencionais. Em segundo lugar, em buscar culturas potenciais para, no médio prazo, ampliar a oferta de novas matérias-primas. Por exemplo, hoje, os materiais convencionais produzem de 500 a 700 litros de óleo de biodiesel por hectare. Nós queremos que eles passem a produzir mais de 1000 litros por hectare e que, dentro de 3 a 5 anos, seja possível alcançar outro patamar, com potencial de produção acima de 3 ou 5 mil litros de óleo por hectare. Isso pode consolidar o programa brasileiro de biodiesel em 10 anos, o que é absolutamente estratégico para o país e para nossa inserção nos mercados internacionais. Outra frente de trabalho é a concentração de esforços nos sistemas de produção do biodiesel, etanol, florestas energéticas e resíduos, que ampliam as oportunidades de novas parcerias, além de revitalizar as antigas. Trata-se de um programa competitivo, sim, mas competitivo por cooperação e não por competição. O desafio é enorme, mas não pode ser enfrentado por uma única instituição e, portanto, uma das prioridades do momento é estabelecer novas parcerias.

CAE – Como está a procura por novas tecnologias?

Durães – A procura por soluções tecnológicas já é muito grande. Seja o empresário que quer investir ou cidadão comum, todos têm curiosidades e necessidades

objetivas de obter informações qualificadas. Mas, antes de haver uma tecnologia nova para mudar o sistema, deve existir uma modificação cultural, o que passa pela atitude do cidadão. Se você está num prédio, precisa de um elevador, você aperta dos dois ou um só? Se apertar os dois, vai desperdiçar energia. O óleo que você não usa mais na sua cozinha, joga no ralo ou coloca numa coleta seletiva? São pequenas coisas que começam a demonstrar para o cidadão a necessidade de mudar sua atitude e cultura, porque ele foi criado tendo como base uma matriz energética de origem fóssil, que agora precisa ser mudada. Essa mudança de atitude, por sua vez, vai gerar mais rapidez e harmonia para as mudanças mundiais.

CAE – Quais os principais desafios e conquistas que vêm por aí?

Durães – Eu vejo a grande possibilidade de se fazer um mapeamento mais refinado do Brasil, possibilitando estabelecer políticas públicas adequadas para orientar a iniciativa privada a tomar decisões sobre onde estimular a produção de etanol e biodiesel com a melhor eficiência possível, mas com foco nos aspectos tecnológico e ambiental. O Brasil já detém competência para essas e outras ações futuras, mas há também outro desafio, que combater os gargalos de gestão, com vistas a gerar melhorias nos processos. Precisamos potencializar ações estratégicas através de PPPs, para continuarmos sendo competitivos na produção de cana e outras matérias-primas para a produção de etanol, que deve se tornar uma *commodity* internacional. **CB**